

## ENTREVISTAS

### ENTREVISTA: TIAGO ADÃO LARA

*Maria Vieira Silva\**

*Mário Alves de Araújo Silva\*\**

Tiago Adão Lara é professor titular aposentado pela Universidade Federal de Uberlândia e, atualmente, professor visitante da Universidade Federal de Juiz de Fora, trabalhando no programa de Mestrado em Educação. Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, de São João del-Rei, fez especialização em Louvain, Bélgica, e seu mestrado na PUC do Rio de Janeiro. Também no Rio, doutorou-se pela Gama Filho. Além de Uberlândia e Juiz de Fora, lecionou na Faculdade Dom Bosco, na PUC do Rio de Janeiro e na PUC de Belo Horizonte. Publicou sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado, e também o primeiro e o terceiro volumes da coleção "Caminhos da Razão no Ocidente", pela Editora Vozes. O Prof. Tiago sempre foi muito ligado a esta revista, tendo sido membro do seu primeiro conselho editorial, e colabora atualmente como consultor dela. A entrevista foi realizada em Uberlândia, dia 23 de agosto de 1996, por ocasião do lançamento de seu último livro. Os entrevistadores convidados pela revista trabalharam com o Prof. Tiago, tanto na academia, quanto fora dela: Maria Vieira foi sua aluna no Curso de Pedagogia e colega de militância no Movimento em Defesa dos Direitos Humanos; Mário Alves foi colega de trabalho no Departamento de Filosofia.

*Mário:* Vamos inicialmente pedir ao Prof. Tiago que faça um breve histórico do seu livro, **A escola que não tive... O professor que não fui...**<sup>1</sup>, e que neste breve histórico, como introdução, a gente possa ter uma visão geral da sua obra.

---

\* Professora do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Federal de Uberlândia

\*\* Professor aposentado do Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia

<sup>1</sup> Publicação conjunta da Cortez Editora e da Edufu, Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

*Tiago:* Eu diria que há um histórico episódico e este eu não vou contar. Seria todas as peripécias que eu tive de passar para publicar o livro. Peripécias de ordem institucional, sobretudo na questão de editoras. Mas eu vou deixar de lado isso. Eu vou ver o episódico assim, enquanto caminhada da minha razão do como, o por quê surgiu esse livro. Eu disse ontem, e repito hoje: eu escrevi o livro antes de tudo foi para mim mesmo, quer dizer, a necessidade de eu me dar conta daquilo que eu andava falando por aí. Por que eu sou muito requisitado para palestras, conferências. Eu estou há três anos em Juiz de Fora e já falei nos grandes colégios de Juiz de Fora, para professores, mas eu nunca tinha me assentado para dizer que, afinal, é esse tipo de Filosofia da Educação que está na minha fala. Foi então quando eu me propus a organizar o meu pensamento, e as coisas das quais eu já estava convencido. Eu estava convencido de que eu, numa etapa grande de minha vida, pensava que o conhecimento era uma coisa que a gente podia atingir com perfeição e de uma maneira acabada, não é? Então pensava assim, um dia vou conhecer filosofia, um dia vou conhecer Português, um dia vou conhecer História. E, à medida que eu fui caminhando, eu fui percebendo que o conhecimento é um processo inacabado. O que é que isto trouxe de resultado para minha vida? Trouxe, eu diria assim, uma atitude ética, mais humilde, que eu acho fundamental. Quer dizer, eu jamais terei um conhecimento definitivo. E trouxe também uma atitude de magistério mais questionadora do que afirmadora, de mais questionar, perguntar, do que de estar dando resposta. Ou então também estar atento às respostas que as pessoas dão, e não àquelas que eu dou na medida que eu leio, que eu me convenço de uma coisa. E o outro? Então eu comecei a perceber que eu mudei isto. De certa maneira eu sou um indivíduo apressado na vida, para tudo, e também intelectualmente eu também sou apressado, eu queria chegar à conclusão, rápido. E eu fui adquirindo na minha vida um pouco a paciência da vida e a paciência do pensamento. Quer dizer, esperar que a verdade aflore no seu momento oportuno. Do ponto do magistério, isso para mim implicou uma reviravolta, porque eu cobrava dos meus alunos que eles em pouco tempo aprendessem. E eu até hoje quando converso com Maria Helena, minha mulher, e às vezes ela está apressada porque o pessoal ainda não aprendeu, eu digo assim: Maria Helena, calma, eles vão aprender daqui a dois anos, a três anos. A semente que a gente lançou hoje, a gente queria ver o fruto amanhã. Deixa de fermentar na cabeça deles, está entendendo? Então hoje, quando eu faço uma palestra, quando eu dou uma aula e percebo que os alunos não captaram tudo aquilo que penso que eu queria comunicar não fico frustrado, não...

*Maria Vieira:* E aí você aplica aquele tema da Escola de Sagres: "Navegar é preciso, viver não é preciso".

*Tiago:* Sim, navegar é preciso, viver não é preciso, quer dizer, navegar é jogar-se no movimento da vida, e também no movimento do pensamento.

*Mário:* Tiago, você falou uma coisa interessante, você está levantando, está respondendo, uma série de perguntas que você se fez durante toda a vida. Eu gostaria... É interessante o enfoque especial na nova arte de perguntar para aprender?

*Tiago:* Sem dúvida, sem dúvida, por que... veja, eu tive uma formação escolástica e você também, e começava pelas perguntas. Somente que aquelas perguntas já estavam apontando para respostas (...) Todo artigo da suma teológica começa assim: Parece que não... Que Deus não existe por causa disso, disso e disso. Mas esse parece que Deus não existe, que seria uma pergunta, no fundo é porque o autor já está com a solução de que Deus exista. Ele já está com os argumentos. Não... tem que ser pergunta mesmo, pergunta aberta. E este é o grande desafio da vida. Disseram uma vez que isso gera uma grande insegurança na gente, mas gera também o caos fecundo, que é aquilo que eu poderia usar uma metáfora: "Eu estava sempre a espera de um dia em que eu pudesse construir minha casa, meu apartamento, meu Cosmos. Quer dizer, a casa prontinha que pudesse morar e dissesse: Agora, descansa minha alma, porque você construiu o seu saber, e eu descobri que eu só posso construir choupanas, ou então casa móvel, que eu tenho que desmanchar e construir amanhã outra, outra e outra, então a pergunta é nesse sentido.

*Mário:* Seu livro é uma resposta constante a questionamentos que você teve em toda sua vida.

*Tiago:* Sim...

*Mário:* A impressão que eu tive da leitura é que eu estava diante de uma obra de maturidade, onde você está tentando dar uma resposta de caráter mais maduro. E a resposta parece mais uma pergunta. Tudo aberto?

*Tiago:* Sim, tudo aberto. Veja uma coisa: eu vejo isso, uma coisa assim, hoje se fala muito que acabou o discurso dos grandes panoramas históricos, e

que a gente previa que a História vai caminhar nesta linha. Então o Cristianismo apresentava: a História vai caminhar nesta linha e o final vai ser assim. Quer dizer, a gente pode não saber como vai ser o processo mas o final a gente já sabe, a apoteose. Eu quando menino representei muito em teatro, então, depois que a gente apresentava o 1º, 2º, 3º ato no fim, vinha a apoteose, a apoteose era aquele quadro que caía, os personagens todos em volta, quer dizer, terminou. Era um pouco aquilo que é apresentado no capítulo XXV do Evangelho de Mateus que é o juízo final, onde aí há a separação do bem e do mal e aí a gente sabe, a história vai terminar (...) E isto mesmo quando a sociedade ocidental se laicizou, continuou. Não continuou em linguagem laica, no seguinte sentido, nós vamos caminhar para uma sociedade onde vai haver igualdade, fraternidade, liberdade, onde a deusa da razão finalmente vai se impor e vai espancar as trevas da superstição e acabar com (...) a escravidão. Isto diziam os filósofos da época do Iluminismo e isto é que foi praticamente a dinâmica de toda a sociedade moderna, da modernidade e isto é que gerou a idéia também do progresso do Infinito, portanto a História, vai dar certo, a trancos e barrancos mas vai dar certo, não é, e que o Socialismo chega e confirma, embora desdizendo o Liberalismo, ele diz "Vai dar certo", somente que não vai dar certo da maneira que vocês pensam. Vai dar certo através da luta de classes, mas vai chegar um dia que não vai mais haver exploração de classe sobre classe aí nós chegamos a uma sociedade perfeita. A um certo momento, eu também na minha vida percebi que não tem como a gente prever nem para nós individualmente e nem para os grupos humanos e para sociedade como um todo como é que vai ser o amanhã.

*Mário:* Tiago, você está colocando aqui uma coisa muito interessante neste livro, **A escola que não tive... o professor que não fui...**, é a questão ocidental do pronto e acabado, o Deus perfeito, a criação do Paraíso perfeito, e o que não é perfeito, é por que houve um estranho arranjo que é do Satanás.

*Tiago:* Exato, mas que pode ser sanado.

*Mário:* Então, essa é a visão que você coloca aqui, com tudo a construir, tudo novo, tudo diferente, com uma educação para a instabilidade constante, para o novo, para a insegurança constante, sendo isto parte da vida.

*Tiago:* Sem dúvida. Isto é o que eu diria o trágico da existência humana. No fundo, quando os gregos abordam as grandes tragédias gregas, o que é que

eles abordam? É que a vida humana é trágica. Agora vamos tirar a tragicidade desta tragédia no seguinte sentido: Quando a gente fala “trágico” vem só o aspecto negativo, e no seguinte sentido, de que não há como o ser humano ter seguranças absolutas, quer dizer, se há um destino para o ser humano este destino é a historicidade, e é aquilo o qual nós temos que investir e é interessante por que o Cristianismo se for levado a sério, que é a encarnação do verbo, não estaria em contradição com isto, se a gente levasse realmente a sério que o verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós, quer dizer, o verbo se fez História, somente que o Cristianismo, e depois as Igrejas, pegaram e fizeram deste verbo feito carne não o ser Histórico (...) mas o Deus transcendente que já está na plenitude do seu poder e que é o (...) da História. Então para nós tanto do ponto de vista da religião predominante no ocidente, que é o Cristianismo, como do ponto de vista da Filosofia predominante no ocidente, que é a Filosofia grega, nós, desde criança fomos formados já sabendo: “olha, a finalidade de nossa vida é chegar a uma vida feita; estou com a vida feita”, quando na realidade a vida está sempre se fazendo. Então a gente teria que criar também uma Psicologia do viajor, do viajor, daquele que sabe que na viagem tudo pode acontecer.

*Maria Vieira:* Você afirma em seu livro, lançado aqui ontem, que o Marxismo não rompeu de todo com a estrutura metafísica de pensar, quando manteve a pretensão, julgada científica, de fixar a meta final para a história em termos de sociedade socialista; e isso como afirmação absoluta. Você acha que essa crise de paradigmas que enfrentamos hoje é decorrente de uma assimilação metafísica do Marxismo?

*Tiago:* Eu acho que a perda de sentido da existência é fruto disto. Agora a realidade é esta, então eu acho que a gente deveria voltar um pouco àquela mentalidade da época do mito em que o ser humano se colocava à frente da natureza como um mistério, tudo pode acontecer, nada do que acontece é absurdo. Tudo que o acontece é real e de certa maneira tudo o que acontece é - nós vimos assim - é maravilhoso; então não existiria diferença entre dizer “isto é milagroso” e “isto é normal”, quer dizer, a atitude nossa frente à vida seria uma atitude, até de certa maneira uma atitude frente ao sacro, o sacro, não no sentido daquele sacro que nos massacra e que nos domina, mas do sacro que vai se revelando e vai sempre tendo possibilidades novas de revelar e que nós nunca podemos circunscrever o horizonte de quando essa revelação termina. Se a gente formasse essa Psicologia, de que você está sempre atenta ao novo que pode emergir, talvez a vida fosse muito mais gratificante.

Eu estou dizendo isso intelectualmente, eu estou superconvencido disto, embora emocionalmente, psicologicamente eu me sinto ainda um homem que está sempre à procura da segurança. Veja, não é essa segurança mais, mas é aquela outra segurança, é aquela outra segurança.

Então eu diria, qual seria a verdade a partir da qual eu tenho todo o dinamismo para viver. Eu me aceito como ser histórico, e justamente por que histórico, o rumo da minha vida transcende a minha compreensão, e o meu poder também. Eu não tenho poder sobre a totalidade da minha vida. E isto percebemos hoje quando o movimento ecológico coloca para nós: "veja, o homem não é dono da natureza!" Chega um certo momento que ele percebe que tudo aquilo que parecia poder dele sobre a natureza, se tornou uma arma, um desastre. Então a atitude de maior reverência frente à totalidade, o cosmos, os outros, o que não significa servidão voluntária, mas significa uma libertação, mas uma libertação baseada no real da vida, esta imprevisibilidade do amanhã.

*Mário:* Tiago, você deixa muito claro, inclusive em outras obras suas, esta questão da dialética. Diante disto como é que se coloca, historicidade, a questão do homem está se produzindo constantemente. Você poderia colocar alguma coisa neste sentido?

*Tiago:* Eu colocaria assim: Então o ser humano tem que estar sempre criando coisas novas, o fatal seria o seguinte: não há como nós não termos de criar, de inventar.

*Maria Vieira:* É aquilo que você afirma em várias passagens: que a vida se apresenta como um processo, revela-se como um processo....

*Tiago:* Exatamente, e você queira ou não queira você não foge a isso, você pode fingir que não está nesse processo, que você se esconde dele, se protege dele, mas isto não é real.

*Maria Vieira:* Neste sentido, você coloca uma questão bastante interessante, que a educação só pode ser pensada enquanto passagem de um estado de vida a outro estado de vida mais rico. Em toda sua trajetória fica claro que a educatividade que se manifesta nos movimentos sociais é tão importante quanto aquela que se manifesta na educação escolar. Qual sua leitura sobre essas duas perspectivas educacionais enquanto "possibilidade da produção social do humano"?

*Tiago:* Sei como foram vivenciadas por mim...

*Maria Vieira:* Isso, como foram vivenciadas e como você percebe essas duas instâncias educativas...

*Mário:* Inclusive Tiago, como você consegue quebrar alguns limites, por que tem muitos limites em sua formação e você quebrou muitos...

*Tiago:* Muitos... sim... isto mesmo... E eu sou ao mesmo tempo um indivíduo tímido e ousado. Eu tenho uma timidez enorme, mas ao mesmo tempo existe dentro de mim uma vontade enorme de não me deixar levar. Por exemplo. Desde criança sempre que tinha uma palavra que se tornava comum eu não usava. Eu me lembro em termos religioso, todo mundo falava, "o Cristo", aí eu não usava.

*Maria Vieira:* Falava "Jesus"...

*Tiago:* Falava "Jesus". Quando todo mundo falava "corpo místico", aí eu não usava. Quando todo mundo falava dialética... Quando eu cheguei em Uberlândia, no Departamento de Pedagogia - o grande Departamento de Pedagogia - se falava muito em Dialética, materialismo dialético e eu não usava. Inclusive no seminário, que eu comecei a dar aqui, criou-se um problema sério porque até as minhas primeiras apresentações devem ter projetado uma idéia de um indivíduo ainda muito ligado ao dogmatismo, porque eu não usava esse chavão, de propósito. Então, sempre houve uma rebeldia dentro de mim, embora eu fosse muito comportado externamente. Eu digo assim que "dentro eu fervo, fora eu me comporto". Mas então eu diria o seguinte, na realidade eu fui sempre um aluno comportado externamente, agora muito rebelde internamente, só para algumas coisas muito significativas. Por exemplo, nós, tivemos um professor de Matemática, no clássico, que era licenciado em Matemática, e um outro que tinha sido rejeitado na Universidade de São Paulo no exame de seleção. O professor de Matemática, que era formado em Matemática, era uma lástima para dar aula; a gente não entendia direito o que falava, enquanto que aquele professor, que não tinha sido selecionado, era de uma clareza didática enorme. Então, o que é que acontecia? Acontecia que na hora da aula de matemática, daquele professor que não sabia transmitir, a um certo momento meus companheiros desanimavam de perguntar, e eu mesmo quando já tinha entendido, eu perguntava, por que percebia que meus companheiros não tinham entendido.

A mesma coisa aconteceu com o professor de física. Chegou apertando todo mundo, aí um dia, que eu peguei a lição que ele tinha dado e fui marcando todos os lugares, eu não tinha entendido, aí levantei a mão e disse: “não entendi isso, gostaria que me explicasse”, e ele explicou. Eu falei: “não entendi ainda”. Ele tentou explicar. Na terceira vez, eu disse: “não entendi ainda!” Aí ele brigou comigo, achou ruim, mas eu falei: “não entendi mesmo!”

Então um pouco isto, é apenas um símbolo do processo interior meu, de estar sempre... meu pai me dizia, “você vai ser um aluno chato, porque você vai estar sempre perguntando.” Não fui, por que por fora eu sempre me comportei, mas, por dentro, eu sempre fui chato como professor, e muito chato comigo mesmo nas minhas respostas. Agora, aquilo que a Maria me perguntou é uma coisa muito interessante porque na realidade, desde 1960, depois que comecei a lecionar. Eu lecionei em 50, mas na época de estágio da congregação, depois eu interrompi e lecionei em 50, 51 e 52 e 53. Interrompi e fui fazer Teologia, depois quando eu voltei em 58, a partir de 59 eu peguei o magistério definitivamente. Desde essa época, ao lado do trabalho acadêmico, eu tive um trabalho popular. Agora, quando eu trabalhava em São João Del Rei, no chamado Movimento Comunitário Dom Bosco, a minha preocupação não era tanto... era mais com o problema da linguagem, e o problema de traduzir as grandes teses religiosas e filosóficas numa linguagem mais acessível ao povo. Não era ainda o problema do conteúdo nem o problema da Ideologia, porque eu estava era com aquela vontade ainda de colocar na cabeça deles a minha verdade, que era a verdade da Igreja ou era a verdade da filosofia, porém, havia um esforço enorme em descer ao nível da linguagem. Então, esse esforço meu, praticamente diuturno com o povo na Paróquia Dom Bosco em São João D’el Rei, que ia para os bairros, reunia o pessoal embora eu fosse com a mentalidade metafísica na cabeça, havia um esforço enorme de criar uma linguagem e sobretudo estar atento sobre tudo aquilo que acontecia. Por exemplo, eu fazia uma reunião debaixo de um barracão, então eu chegava e ficava observando tudo aquilo que havia no barracão, e uma vez eu olhei para teto e vi caibro, ripa, telha, então eu parto disto, mando todo mundo olhar para cima para ver como é feito o teto. E, a partir daí, chegar à mensagem, que é mesmo antes de eu ter acabado com a minha mentalidade metafísica...

*Maria Vieira:* É uma didática bem original, não é mesmo?

*Tiago:* É, acho que devo isto muito ao meu pai, que foi muito concreto na maneira de explicar, e eu sempre dizia: “eu não sei o que vou falar, não sei

como vou falar.” Vai depender da situação, do momento, e isso é uma coisa interessante, por que se você passa a criar esta disciplina com você mesmo de estar atento a tudo que está acontecendo, por exemplo, eu chego para uma palestra, eu posso chegar antes e observar até as pessoas chegarem, o que está escrito, eu leio tudo o que está escrito, se a sala está limpa ou se não está limpa, se tem luz ou se não tem luz, observo tudo isso porque é tudo isto que vai dizer para mim como eu vou falar. Agora, a partir da década de 80 quando eu vim para Uberlândia, e que eu pude mais livremente participar das reuniões dos sindicatos, das Associações de Moradores, das Comunidades Eclesiais de Base, nas reuniões do PT, e eu ficava chateado em perceber que, ao menos uma boa parte dos petistas, era tão metafísica como qualquer outro metafísico, como também nas comunidades eclesiais de base. Apesar de falar em teologia da Libertação, o discurso ainda era bem o discurso de uma teologia baseada numa metafísica. Ai é que eu comecei a perceber que uma coisa é você ter uma linguagem fácil, figuras acessíveis, e outra coisa é você entrar no movimento do pensamento que está acontecendo. Então, a década de 80 marca para mim uma espécie de vertente, até aqui mais ou menos eu tinha uma atitude metafísica, daqui para cá parece que eu entendi o que seja ser dialético na vida.

*Maria Vieira:* E você acha que o meio acadêmico assimilou bem esta educatividade existente nos movimentos populares?

*Tiago:* Não...

*Maria Vieira:* ... me parece que as praticas pedagógicas que se manifestam nos movimentos sociais e sindicais estão meio divorciadas daquelas existentes no espaço escolar, principalmente na Pedagogia, que tem como objeto de trabalho a educação. Parece que há uma dissociação entre essas duas práticas educativas...

*Tiago:* É... aqui mesmo neste prédio, numa noite, uma turma de alunos me agrediu, porque eles queriam que eu respondesse as perguntas deles e eu respondia as perguntas deles com outras perguntas, até que uma das alunas me agrediu dizendo: “é uma perda de tempo, porque você não responde as perguntas que nós fazemos, você quer que a gente...” Então, o meio acadêmico resiste, não só porque os professores não fazem essa conversão individualmente, mas também porque os alunos esperam que a gente dê a resposta pronta e acabada, agora, quando eu tinha turmas pequenas era mais fácil a gente tentar repetir aqui um pouco daquilo que acontecia no

movimento popular, porque era mais fácil, porque o pessoal fica menos armado, então quando a gente tem turmas pequenas, tem condições de fazer isto, é até possível, você fazer um pouco de ensaio disto. Agora, numa turma com 36 ou 40 alunos, eu colocava minha consciência em paz e dizia, eu vou fazer uma palestra, dogmática mesmo, e não ficava com a consciência pesada, porque para você fazer, poder trabalhar tem que ter condições mínimas.

Então aqui, agora, talvez eu possa contar uma história que me aconteceu em Juiz de Fora. Quando eu fui para Juiz de Fora, eles me disseram que havia um Núcleo de Estudos em Ciências. "Nós gostaríamos que você integrasse o núcleo como quem vem de fora porque o nosso propósito é de trabalhar com a Interdisciplinaridade, e tínhamos escrito isto até agora e estamos querendo escrever, então você nos obrigaria a escrever, e ao mesmo tempo, de fora, você poderia criticar." E eu me integrei na equipe. Bem, o que está acontecendo em Juiz de Fora, hoje, neste momento? Nós estamos com um curso de especialização, que está sendo feito por 7 professores conjuntamente, ou seja, nós nos comprometemos a umas coisas fundamentais, nós, se for possível, estaremos presentes, os sete, na 2ª feira à tarde com a turma, e na 3ª feira de manhã. Esta turma é constituída por professores e alunos da rede municipal, estadual e particular, formados em Química, Física, Biologia e Educação, claro, não dá para 100% de nós 7 estarmos presentes lá em todos, mas nós estamos 80% presente em todas, revezadas vezes. Eu tenho estado em praticamente todas, com raríssimas exceções. Esse foi o primeiro compromisso nosso. O segundo compromisso, nós nos reunimos duas horas toda a semana para discutir aquilo que nós estamos fazendo. Então a coordenadora do curso apresentou uma lista de disciplinas e nós teríamos que discutir naquele momento qual seria o conteúdo dessas disciplinas. E a turma discutiu bastante, bastante, bastante e eu fiquei em silêncio. Depois de muito tempo, eu falei assim: Escuta, nós vamos falar sobre interdisciplinaridade ou fazer interdisciplinaridade. Ah, não, nós vamos fazer. Então nós não temos que discutir quais são os conteúdos porque os alunos também fazem parte desse curso. Ah?! mas como é que nós vamos começar? - Falei: Não sei, só sei que nós não podemos começar assim. Aí veio um mal-estar muito grande, até que eu falei assim: - Gente vamos fazer o seguinte, cada um de nós nesses dias prepare o conteúdo dessas disciplinas, colocar numa valise e escrever assim: S.O.S.. Quer dizer, em caso de necessidade, se nós não conseguirmos fazer nada, a gente pega a maleta. Agora se vocês me derem um crédito, deixem que eu começo na 2ª feira e na 3ª feira, que eu dou o chute inicial, e a partir do chute inicial aí nós

voltamos a refletir e talvez a gente descubra como é que nós podemos fazer a caminhada. E foi super interessante porque a partir do chute inicial que consistiu nisto: Eu cheguei na sala de aula e mandei bagunçar todas as cadeiras. Então tinha gente sentado contra gente, gente sentado olhando para fora, gente olhando para parede, gente em círculo. Depois distribui uma linha de lã circunscrevendo todo o ambiente e mais três novelos de lã e mandei que trançasse aquelas lãs. Muita gente ficou embaralhada no meio daquelas lãs e até a gente tentou se assentar e aí eu comecei a perguntar: - O que é que vocês sentiram? Muita gente se sentiu oprimida, outras descontraídas, muita gente se sentiu fora do lugar porque quando chegou já havia começado a trançação, muita gente se sentiu insegura, outras infelizes porque quase não recebeu fio, outras felizes porque recebeu fio demais. O que é que nós fizemos? Uma rede, uma teia, agora o que é que isso pode significar? Aí então o pessoal começou a falar sobre tudo isso. Isso é uma técnica de descontração, então uma das professoras disse: Eu acho que não, eu acho que esse trabalho que nós fizemos é já a filosofia do curso, quer dizer, nós vamos nos colocar num processo de trançar fios, e que nós não sabemos ainda como, está apenas delimitado um espaço que somos nós e que deveremos fazer a interdisciplinaridade, agora nós vamos ter que jogar com isso, e foi super interessante porque a partir daí nós vamos bolar o curso com a visão do químico, do físico, do biólogo, do educador, e no meu caso, como filósofo.

E está sendo uma experiência fabulosa. Agora, num curso de especialização eu reconheço que isso é mais fácil, porque não tem um programa fechado. O que está fechado é que tem que cumprir 360 horas, o resto a gente pode bolar. Agora isso exige da parte da gente um compromisso de estar sempre elaborando o curso a toda hora e às vezes corrigindo o curso no percurso que fizemos.

*Mário:* Ainda dentro desta questão que a Maria coloca, nós temos uma necessidade cada vez maior do professor não só com preparo, mas também uma maturidade, no sentido de sabedoria. Sapere, não é? Seria muito mais profundo do que é de interesse na formação do professor, é muita informação, nós temos uma bagagem nossa muito grande. Agora estou a lhe perguntar, para trabalhar assim é necessário tanta informação. Mais que informação, há alguma coisa chamada sabedoria?

*Maria Vieira:* a sensibilidade...

*Mário:* Será que nós perguntamos aos nossos alunos no decorrer da aula, “O que é que você está sentindo?” qual foi a sensação que você teve ao aprender as constelações? Qual é a sensação de você pegar num telescópio? Eu estou colocando essa questão porque eu vejo uma grande dificuldade, nós temos uma boa informação, não posso negar e se pode adquirir informação todo dia, agora eu me pergunto onde está a maturidade de nossa escola?

*Tiago:* Veja uma coisa: outro dia eu estava participando de uma mesa redonda lá em Juiz de Fora e uma pesquisadora e professora saiu com esta. Se eu tivesse poder e dinheiro para fundar uma universidade eu iria construir uma ótima biblioteca com todos os recursos possíveis de informações que existem hoje da maneira mais sofisticada e mais plausível possível e depois iria construir um punhado de barzinhos com mesas e cadeiras para assentar para o pessoal chegar e conversar. Aí alguém perguntou: - “E não ia construir sala de aula?” Ela falou: - “Se por acaso sobrasse dinheiro eu construiria também salas de aula, e depois ela explicou: “Para que é o barzinho? para que o pessoal que chegar e tiver lido bastante na biblioteca depois chegar lá e conversar a respeito do que leu, quer dizer, a universidade seria o espaço onde a cultura viva que está fora passando por uma certa mediação de teorização pudesse se tornar clara. Então, a conversa na universidade é que é importante na universidade, não é o monólogo, mas é a conversa, e a conversa significa ida e vinda e a correção continua quando a gente está conversando. Então eu acho, por exemplo num curso de Pedagogia eu fico me perguntando: Gente, como é que pode existir um curso de Pedagogia em que alunas chegam no meio do semestre e não conhecem o nome das próprias companheiras, como aconteceu comigo aqui na universidade...”

*Mário:* Comigo aconteceu no final do ano que os alunos de uma mesma turma não se conheciam.

*Tiago:* ... não conhece o nome das próprias colegas que desde o começo do ano até o fim do ano se assentam no mesmo lugar, nunca abrem a boca, apenas ouvem e fazem as provas escritas e - o pior ainda quando as provas são feitas em grupo - as assinam. E eu não estou culpando o aluno por causa disso não. A própria estrutura física da universidade que gera isto. A própria cobrança da sociedade que gera isto, a própria imagem que a gente tem de aula. “Dar aula”, a gente não fala a língua inocentemente. Quando a gente fala dar aula você está transmitindo uma concepção de educação. Quer dizer o professor tem uma coisa para dar àquele que não tem. O italiano neste

ponto é mais feliz porque ele diz assim: *Faccere aula*. Aula tem que ser feita, e feita por todo mundo.

*Mário*: O professor Leosino Bizinoto<sup>2</sup> diz sempre que a gente deveria mudar esta terminologia. Ninguém assiste aula de natação, ninguém assiste aula de vôlei, você faz. Nós também, deveríamos fazer aula. E esta expressão italiana, talvez nós também teríamos que fazer aula e mudar toda nossa concepção, nosso posicionamento de professor, de aluno, de sala de aula. Inclusive era uma idéia sua e no seu livro isso aparece. Me lembro quando você propunha aqui na Pedagogia: "- Por quê a gente não tem a sala do 1º ano?" Nós teríamos aí o mundo grego. A sala do 2º ano, por exemplo, idade média, por aí a fora, só um exemplo. Seria uma sala ambiente mesmo, onde o aluno viria aqui, fazer sua experiência. Nós estamos tão cristalizados e tão seguros do que estamos fazendo que a gente se pergunta assim, como desestabilizar, como fazer uma história da águia. Da águia que não voava e um dia foi dado um prêmio para quem fizesse a águia voar. Alguém fez a águia voar. Como você fez a águia voar? Alguém foi lá e cortou o galho onde ela pousava. Será que não precisamos cortar o galho de todos nós? E é isso que eu te pergunto Tiago, como nos desestabilizar, para que a gente comece a se perguntar: Vou fazer aula agora? Como vou fazer a minha aula?

*Tiago*: É... eu conto aquilo que foi a história de minha vida. Eu acho que, minhas aulas mudaram por causa da experiência no movimento popular. Quer dizer, eu trouxe muito para dentro das minhas aulas a aprendizagem que foi feita no movimento popular. Eu não estou aqui endeusando o movimento popular, porque também no movimento popular, eu digo isto no meu livro, repetem-se às vezes os mesmos defeitos, as mesmas atitudes, e é uma pena, porque as vezes aquilo que se chama movimento popular é dominado por acadêmicos. Eu tenho muito medo do acadêmico entrar no movimento popular para dar alguma coisa ou vai até para aprender, mas que não se dispõe realmente a aprender, porque ele já está com um esquema preparado. Ele tem de despir mesmo.

*Maria Vieira*: Neste sentido Tiago, acho que seria interessante você falar um pouco como foi essa contribuição que a experiência em educação popular

---

<sup>2</sup> Professor Leosino Bizinoto Macedo, ex-membro do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, atualmente em um Departamento de Direito, da mesma universidade.

proporcionou para sua vida acadêmica e vice-versa também. Afinal é um movimento de ida e volta.

*Tiago:* Veja uma coisa, e aqui eu tenho que dizer que eu aprendi muito com o meu aluno, Romualdo Dias, hoje é um Doutor da UNESP, que ensina inclusive Filosofia da Educação em Rio Claro, onde está a unidade da educação. E ele, que foi meu aluno na Filosofia e aprendeu no sistema tradicional. Depois, quando deixou o seminário, ele começou a trabalhar com movimentos populares, eu não sei onde ele aprendeu, mas eu sei que em um contato com ele eu fui vendo como ele fazia as coisas diferentes. Por exemplo, uma vez ele me convidou e me disse: "Tiago, eu quero que você participe de uma reunião que nós vamos fazer e vai ser uma semana inteira, vem líderes populares do Brasil inteiro - e realmente tinha líderes populares mais do norte e nordeste e Minas; de São Paulo para baixo tinha menos gente - e não vai haver palestra nenhuma". Então como é que o curso foi começado? Numa sala, toda desarrumada, com papel, pincel atômico e giz e retalhos, e então ele me disse assim: "- Nós vamos viver uma semana juntos, pega esse material aí e vê como a gente poderia trabalhar com isto. E aí a turma começou a bolar cartazes, frases, arrumar a sala, etc. Depois no outro dia ele pediu que o pessoal relatasse os trabalhos que estavam fazendo. Aí o pessoal relatou, depois relatem as dificuldades maiores que vocês estão sentindo. Aí foi feito um relato de uma série de dificuldades. Aí depois passou a priorizar quais são as dificuldades mais prioritárias que a gente gostaria de refletir sobre elas, foi feito isto. Depois no fim disseram, vamos trabalhar isto e isto, está o.k? Como é que nós vamos trabalhar isto? E o dia inteiro passou nisto. E no outro dia então em grupos começaram a fazer os questionamentos: A dificuldade é esta... parece que é isto... isto, isto e isto... E aí de vez em quando ele dizia: "- Você não gostaria de complementar alguma coisa ou de fazer um fecho sobre isto?". Então, eu ficava o tempo todo atento para ver se eu podia dizer para a turma: "- Olha, nós já caminhamos até aqui, nós fizemos isto, isto e isto. Nós tínhamos essas dificuldades e parece que resolvemos esta ou não resolvemos? E parece que temos que resolver esta outra. Quer dizer, eu passei praticamente dois dias com eles e devo ter falado, contando com tudo, uma meia-hora só. Mas, no entanto, foi o fio que foi costurando, mas quem me levou a essa aprendizagem foi o meu aluno, porque ele já fazia desta maneira. Então, eu aprendi muito com ele e a partir dele foi a porta de entrada para outras pessoas que trabalhavam comigo.

*Maria Vieira:* Neste seu último livro, **A escola que não tive... o professor que não fui...**, você expressa através de um poema o desejo de uma escola em que "a idéia não amarre, mas liberte; a palavra não apodreça, mas aconteça; a imaginação não desmaie, mas exploda... É uma escola utópica (no mais positivo dos sentidos desta palavra). Eu gostaria que você falasse um pouco de como nós, educadores, navegando (no sentido da escola de Sagres) ora naufragos, ora vislumbrando terra à vista, pode resgatar um pouco o sentido da Pedagogia e da utopia desde a Paidéia grega até os nossos dias?

*Tiago:* Maria, deixa eu te contar uma coisa: A **Escolinha do Professor Raimundo**<sup>3</sup> é uma caricatura. Mas é um pouco aquilo, eu gostaria que fosse um pouco aquilo. Vocês estão percebendo a hipérbole nisto daí. Ali é uma brincadeira, é para fazer rir, às vezes é muito repetitivo. Mas, um pouco também seria a escolinha do Professor. Então, as pessoas às vezes perguntam: "mas você gosta daquilo?" Eu digo: "olha no fundo, aquilo bate comigo". Alguém chega lá e diz: "- Olha gente, agora é hora de Educação física, então... pá, pá, pá.... Não é para fazer aquilo, mas aquilo é o espírito ou também como a escola deveria ensinar, um pouco fazer aquilo não só para as pessoas verem, mas para que a vida flua. Eu acho que nós temos que transgredir as regras. Não transgredir por transgredir, mas transgredir para dar possibilidade de refletir. Eu dou um exemplo de uma transgressão que eu fiz outro dia, pequenina, mas simbolicamente muito importante. Num curso de especialização formaram-se agora cinco grupos de pesquisa sobre Juiz de Fora, o nosso curso foi caminhando, nós chegamos a seguinte conclusão: Nós temos que agora conhecer não só os textos das aulas, nós temos que aplicar a nossa física, nossa química, nossa matemática, a nossa biologia, a nossa educação, conhecendo o nosso pequeno mundo que é Juiz de Fora. Então vamos pesquisar a poluição do rio Paranaibu, a questão do lixo hospitalar, a questão do lixo não hospitalar, a questão da 3ª idade. E na hora que estávamos discutindo a questão do lixo: "Ah! lixo não sei o quê, lixo não sei o quê, dois grupos de lixo, poderia resumir para ser um só". Aí me deu uma vontade e eu dei uma grande cusparada no meio do grupo. Cuspi... (risos)

---

<sup>3</sup> Programa humorístico da televisão brasileira, onde o ator e escritor Chico Anysio, que faz o papel do Professor, reúne inúmeros tipos numa sala de aula, cheia de estereótipos e personagens populares.

Aí todo mundo levou aquele susto e eu perguntei: "Isso é lixo?" falaram: "É." Mas depois outros disseram, depende, na boca, saliva não é lixo e no chão, é. Então quer dizer, na minha pesquisa eu tenho que estar atento, (veja como é que você vai criar uma categoria em função da pesquisa, de antes saber o que estou definindo por lixo). E outro dia um dos grupos do lixo veio até mim, dizendo assim: "- Professor, nós descobrimos uma coisa interessante, que aquilo que é lixo para algumas pessoas, para outras pessoas é meio de vida, então que eles não tem interesse que o lixo saia dali, porque daquele lixo eles estão tirando a própria subsistência." E isto jamais passaria na cabeça desta professora se ela não tivesse visto e vivenciado. Então o conceito de lixo vai adquirindo conotações diversas. Então, transgredir... nós mesmos deveríamos aos poucos ter a capacidade de dizer assim.... Eu saí no meio da turma (riso) cuspo no meio do outro. Mas, aí vem o racionalismo grego: Escola é para transmitir idéia, mas não para fazer fluir os sentimentos, não para fazer a fantasia, voar, inventar, criar. Quando eu acho que a escola é o espaço-tempo onde a cultura com todas as suas manifestações viessem à tona.

*Maria Vieira:* Então, além dessa Pedagogia da pergunta é preciso construir a Pedagogia da criatividade, da transgressão e da ousadia...

*Tiago:* Exatamente... vou contar também uma outra história. Lá em Uberlândia. Me convidaram para... (você estão vendo que estou tão ligado a Uberlândia. Quando estou lá, falo daqui). Me convidaram para falar um pouco sobre educação num curso para um pessoal que era da área técnica. E me avisaram. "- Olha o pessoal não gosta muito não e etc., etc... sobretudo da área de matemática. Então, eu comecei a falar. Eram umas dez pessoas. Quando eu já estava lá pela metade da aula, chegou um rapaz. E este rapaz chega e senta lá no fundo, não se integra com o grupo. Aí eu disse assim para ele: "- Meu amigo por que é que você não assenta aqui, vamos juntos..." Aí ele disse: "- Ah, não professor, eu quero é ficar aqui mesmo." Aí, eu estou trabalhando com a turma e faço uma pergunta, ninguém responde e ele responde certo. Aí eu digo: "- Parabéns, você parece que está por fora mas está é muito por dentro." (Risos)

Ele ficou tão contente que estava tomando lá a sua coca-cola que levantou lá e foi embora. Daqui um bocado ele volta e eu aí fui fazer a chamada, quando cheguei no nome dele, falei assim, "Bem, como é que vou fazer? Marcar que você estava presente? não é verdade, marcar que você

estava ausente? também não é verdade... (risos). Como é que eu vou fazer?" Ele me disse: "Pode colocar presente porque eu estava muito presente, adorei a sua aula." Mas eu tinha dito na aula que muitas vezes a nossa linguagem é terrível. Nós dizemos assim: "Dê um abraço em fulano de tal. Aí eu chego no local onde está fulano de tal e não dou o abraço. E digo assim: "Fulano te mandou um abraço." E não dou o abraço! Eu tinha trabalhado muito isso. Então na hora que eu coloquei presença para este aluno, eu pensei: Não é meu aluno mesmo, é uma vez só, não vou criar problema por causa disso. Ele disse assim. "- Professor, tchau, um abraço..." Eu disse assim. "- Não meu caro, vem cá e me dê o abraço. Aí ele voltou, me deu o abraço... (risos) e vieram outras pessoas que voltaram e me abraçaram. Gente! isto nós não temos coragem de fazer na sala de aula. E isto é educação, isto é educação. Desmitizar.

*Maria Vieira:* A dicotomia razão x emoção...

*Tiago:* Exatamente... razão x emoção, a falsidade de nossas linguagens.

*Mário:* Tiago, isto que você está colocando agora é muito importante. Veja, em **O erro de Descartes**<sup>4</sup> está posto isto fortemente e também em **Inteligência emocional**, de Daniel Goleman<sup>5</sup>. Nós educadores não estamos atentos para isto que você está falando. Será que é só dizer que te mando um abraço, ou é ir e dar o abraço? Estas questões estão no auge hoje. Algumas pessoas já têm percebido o erro de Descartes. Será que só nos perguntamos pelo intelectual? Onde está o emocional?

*Tiago:* Você me fez lembrar uma coisa que uma vez eu tentei aqui na Pedagogia. Eu conversei com a Taninha. Falei: "- Taninha, você é psicóloga e eu queria que você matriculasse no curso que eu vou dar, Introdução à Filosofia, e fosse para lá como se fosse aluna como todas as outras. Agora eu gostaria que você me ajudasse a descobrir o que é que bloqueia esse pessoal na aprendizagem, porque eu estou convencido que não é o intelecto, que o bloqueio é mais o afetivo do que o intelecto. Foi uma pena porque a Taninha começou a freqüentar como aluna, mas depois de uma greve muito longa e depois desta greve não foi possível retornar com o mesmo processo... Naquela época eu gostaria que um psicólogo trabalhando comigo em sala de

---

<sup>4</sup> Livro de Antônio Damásio, Companhia das Letras, 1996.

<sup>5</sup> Editora Objetiva, 1996.

aula descobrisse os bloqueios e motivos que são aqueles que mais impedem a aprendizagem. O pessoal que chega, geralmente, na escola tem inteligência suficiente para aprender qualquer coisa, o que impede a aprendizagem não é a inteligência - é só mesmo um ou outro aluno muito infeliz que não tem a possibilidade de aprendizagem, mas a maior parte é problema afetivo, problema de relacionamento. É uma pena que o curso de Pedagogia não trabalhe isso. O curso de Pedagogia não trabalha como devemos usar a nossa voz. Você fez curso de Pedagogia, eu fiz curso de Pedagogia. Eu de vez em quando ouço as pessoas elogiando a minha voz. Não foi ensinado isso para mim. Foi a participação na escola católica, a escola de cantores que no seminário a gente tinha, foi lá que eu me empostei sem perceber a minha voz. E o professor tem como instrumento fundamental a voz. Não trabalha. Tem professor com a voz cansada, irritada, com a dicção péssima.

*Mário:* Tem mais uma questão. A gente tem toda a história de um conteúdo imenso, no caso específico da Filosofia. Hoje nós temos o curso de Filosofia<sup>6</sup>, e você foi um dos seus sonhadores, ajudou a idealizá-lo. A gente fica a se perguntar, antes de tudo, como seria talvez o papel da Filosofia, continuar todo aquele filosofar pronto, acabado, o que fariamos nós no curso de Filosofia hoje? Devemos levar o aluno a esse conteúdo. Existe o conteúdo de Filosofia?

*Tiago:* Você levantou uma questão muito séria. Quando a gente fala tudo isto que temos tratado até aqui, dá a impressão para algumas pessoas que estão de fora que a gente está jogando fora a seriedade do estudo, o compromisso com o programa. Aquela coragem de pensar, por que pensar dói. Como diz Fernando Pessoa. Não é nesse sentido. Eu acho que, realmente, os programas são pretextos ou mediações para a gente ler além deles a realidade concreta que está aí, mas eu tenho de passar pelo cartório do programa...

*Maria Vieira:* ... para transcender...

*Tiago:* Isso! Eu tenho que ter coragem. É como o indivíduo que sente frio e fica na beira da piscina sentindo frio meia hora. Ao passo que se ele pulasse na piscina logo, ele nadaria e acabaria aquele frio, depois ele sairia, enxugaria e estaria com o corpo aquecido. Então é preciso que a gente tenha a coragem.

---

<sup>6</sup> Curso de graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Uberlândia, implantado em 1993. O Professor Tiago, junto com outros professores, participou da discussão do projeto original do curso.

Agora eu distinguiria muito ensinar filosofia para quem vai se dedicar a uma vida acadêmica e ensinar filosofia para o pessoal, por exemplo, o pessoal de licenciatura. Então, haveria uma diferença muito grande. Eu acho que por exemplo, num curso de Filosofia que vai formar especialistas em Filosofia, o compromisso com o programa é muito mais sério e você ter a coragem de enfrentar a leitura de um filósofo e não é só de um filósofo não, é de um literato como Guimarães Rosa, é de um sociólogo, é uma coisa super importante. Agora nós - aí está a mediação do professor - temos de contextualizar e de colocar nesta moldura toda que nós fizemos antes para que a leitura adquira também uma mordência, uma capacidade de morder a realidade e então ficar assim um abacaxi difícil de ser descascado, mas gostoso de ser comido. Agora, quando nós damos alguma palestra sobre Filosofia, algum curso rápido, Iniciação à Filosofia nós não deveríamos estar tão preocupados em dar um programa de Filosofia, mas nós deveríamos estar muito mais preocupados em fazer com que o pensamento se desengesse e desesclerose. Então, as aulas de filosofia nestas iniciações, são para mim muito mais um exercício, para fazer com que a esclerose do pensamento termine e possa fluir aí realmente o pensamento. E que o aluno perceba que é bonito pensar, apesar de ser duro pensar. Então, aí não sou muito preocupado, o programa é mais relativizado, mas de qualquer maneira eu posso levar esse aluno a debruçar sobre um texto significativo de um filósofo.

(...) “Não vamos perder tempo com os medievais que discutiam sobre o sexo dos anjos.” Aí eu levantei a mão e disse assim. “- Olha, discutir sobre o sexo dos anjos hoje é perder tempo, mas talvez naquela época era importante para eles, tinha sentido. Então quando hoje a gente pega um texto de algum filósofo que é do século XIII, que está discutindo uma coisa que parece que não tem importância nenhuma para nós, se nós soubermos colocar o que isso significou para aquela época é uma mediação fabulosa para a gente pensar depois como pensar nisso.

*Maria Vieira:* Eu acho que o desafio maior é construir o equilíbrio entre a necessidade da disciplina intelectual, o esforço que requer o debruçar sobre toda uma produção e o prazer das descobertas. Me parece que há uma dissociação entre o prazer do estudo e o esforço que se tem que fazer, a disciplina que tem que se exercer para esse mesmo estudo...

*Tiago:* ... sem dúvida...

*Mário:* No sentido de *sapere*, não é? Saborear o conhecimento pelo que ele é.

*Maria Vieira:* ... E aí quando você toca nesta questão da educação escolar eu fico pensando até numa situação que você coloca aqui no livro... A escola diante de toda uma problemática, de todos os dilemas que ela apresenta desde o seu existir ainda é um espaço privilegiado de busca do saber, embora não seja o único, porque a educação também se manifesta em várias instâncias para além da escola. Então eu acho que seria interessante você falar um pouco sobre a produção do saber que está sendo exercida tanto no interior da escola quanto como nos movimentos sociais ou mesmo no cotidiano abordando a produção do saber ligada ao exercício do poder que ao saber está intrincado e de como transcendermos essa relação.

*Tiago:* Maria, vou tentar te responder, voltando à experiência de Juiz de Fora. E vou antes pegar a questão do poder. Acontece que nós recebemos 5 bolsas e os alunos eram 28. E a CAPES tinha estabelecido como critério que quem tinha dedicação exclusiva tem prioridade para receber as bolsas. Mas uns professores já tinham feito levantamento que justamente as pessoas que tinham dedicação exclusiva para o curso são as que menos precisam de bolsas frente às outras. Então eles tinham feito o levantamento de 17 pessoas mais carentes. Então no dia que foi anunciado isto a professora que tinha a lista tinha viajado porque um dos parentes tinha morrido. Então a coordenadora disse o seguinte: "- Olha, nós adotamos como critério a carência porque tinha sido feito o levantamento dos dados que eles deram e aí uma das pessoas que tinha preenchido o critério da CAPES, disse assim: "- Ah, mas eu tenho direito. Não, aliás a professora que foi a primeira a dizer assim que fulano e fulana não entraram para a lista, que apesar de ter preenchido os critérios, parece ter melhor condição financeira que os outros. Aí foi um bafafá, porque eles começaram a lutar pelo próprio direito. Houve uma discussão muito grande e nós deixamos a discussão fluir. Aí estava em jogo o poder. Havia dois poderosos na sala, aqueles que tinham o direito, pelo critério da CAPES. Depois de muita discussão, uma senhora levantou e disse assim: "Frente à necessidade de outras pessoas, eu não sou rica, gostaria de ter a bolsa, mas eu renuncio em vista de outras pessoas mais carentes do que eu. Aí se apresentaram mais cinco, então nós tínhamos só 22 pessoas pleiteando as 5 bolsas. Nós até começamos a brincar que aquelas eram as excluídas. Mas acabou o período, então o pessoal foi embora e começou aquele mal-estar. Então nós nos reunimos e chegamos a seguinte conclusão: "Por que é que nós professores temos a ver com este problema. Não somos nós os agraciados com a bolsa. A bolsa é deles, eles é que têm de resolver o problema. Então no outro dia nós dissemos: "- Olha, nós não temos nada a

ver com isso, vocês é que têm que decidir, como vamos fazer com essas bolsas. A CAPES têm esses critérios, agora fizemos um levantamento e temos isso. Como é que vamos resolver? Ai, depois de muita discussão e mal estar um professor disse: "Ah, é melhor que vocês professores peguem e resolvam, porque qualquer solução encontrada vai criar mal-estar." Nós dissemos: "- Mas nosso curso não é interdisciplinaridade? E por que é que agora nós vamos assumir como professores a decisão que é de vocês?" Então, voltou-se a discutir e um grupo disse assim: "- Olha, fulana de tal precisa mais de que qualquer um. Ela não tem coragem de falar, mas nós estamos falando por ela. Ai ela tomou a palavra e começou a chorar e disse: "- Olha, eu estou chorando, mas eu queria que meu choro não influenciasse em nada na decisão. É porque eu realmente estou comovida com o que fizeram e realmente eu estou precisando." Ai os dois privilegiados segundo os critérios da CAPES já tinham aberto mão de metade da bolsa, disseram: "- Olha, não vamos ficar com 480,00 mas vamos ficar com 240,00 e metade da bolsa é para o grupo comum.

Aí se interrompeu, fomos para o cafezinho e voltamos a discutir de novo e se formaram duas opiniões dizendo: Fulano e fulano segundo o critério da CAPES, e fulano por causa da necessidade premente que todos reconhecem recebem meia bolsa, o resto é colocado num bloco comum e dividido igual para todo mundo. Quando já parecia que estávamos chegando a um consenso, uma levantou e disse: "- Eu não concordo, eu acho que tudo tem que ser colocado no bolo comum e dividido igualmente para todos. Ai chega um certo momento que a gente tem que decidir, não pode ficar uma decisão eterna. Nós temos que decidir isso hoje porque nós temos que mandar isto para CAPES amanhã. Então colocaram-se as duas propostas em votação e ganhou aquela proposta que tentou conciliar as exigências da CAPES e a questão das carências. Agora, foi também uma reflexão séria: Se algum daqui denunciar à CAPES que nós fizemos isso, ele vai receber a bolsa inteira, se ele tem direito, agora e provavelmente para o próximo ano a CAPES não dará mais bolsa para nós. Vamos ou não correr este risco? Então está percebendo a questão do poder como é que o poder aí... Não vamos correr todos juntos. Então, oficialmente para a CAPES vão os cinco nomes das pessoas que recebem agora, depois elas rateiam entre elas.

Para mim isso foi um momento riquíssimo de interdisciplinaridade que não passa por uma coisa abstrata, passa por uma coisa super concreta que é a questão do dinheiro e é o problema do poder. Nós temos poder de decisão, vamos decidir inclusive contra um critério legal mas nós corremos o risco. Para mim isso foi uma coisa fabulosa. Então isso foi a segunda coisa

que você me perguntou, mas a primeira eu me esqueci, o que é que foi?  
(risos)

*Maria Vieira:* Eu havia perguntado como você vê a questão da produção do saber no interior da escola e para além dele...

*Tiago:* Ah, sim. Eu acho que a escola como produção do saber... eu acho que a gente tem que fazer a transgressão também no sentido de certas exigências legais. Que a gente pode até lançar direitinho, na lousa, não é?, para depois adaptar o programa ao concreto, adaptar o programa à conjuntura, porque às vezes é um programa, nós estamos num ano eleitoral e o professor de história está tratando de um tema lá atrás de um tempo histórico que não tem nada a ver, quando a história está permeando aqui. Na época do processo constituinte por exemplo eu ficava tão triste quando eu vi que aqui na universidade não se fez da constituinte um objeto de estudo. Era o programa daquele ano, para todos os cursos... era a hora de transgredir.

*Maria Vieira:* Depois, chegam com textos discutindo a questão da cidadania...

*Tiago:* ... da cidadania. Textos teóricos para discutir a questão da cidadania e perde o fazer da cidadania, você poderia estar realizando o processo como cidadão.

*Maria Vieira:* Por falar em cidadania, uma coisa que eu gostaria que você abordasse é exatamente o resignificado da palavra cidadania, pois é um conceito que está sendo muito propagado mas ao mesmo tempo extremamente esvaziado no seu significado. A gente ouviu muito este termo no discurso do empresariado como também no movimento sindical, no discurso dos movimentos sociais quanto de neoliberais. Acho que seria interessante evidenciar de que cidadania falam esses diferentes segmentos sociais e como a educação popular e a educação escolar podem trabalhar contribuindo para a efetivação do exercício da cidadania?

*Tiago:* Por paradoxal que seja, meu mestre seria Maquiavel. A gente deveria partir desse princípio, que a vida social é um jogo de forças. Todas essas belas utopias de relacionamento humano são metas transcendentais, todas elas baseadas no amor, na caridade, na fraternidade, mas a realidade da vida é que nós somos força, contendendo para ocupar um espaço e um tempo limitados. Então a única maneira de se construir cidadanias é fazer

com que cada pessoa humana tenha poder, se constitua como poder. O que é que é uma cidade onde todos são cidadãos? É uma cidade onde todos tenham poderes. Poderes diferenciados, poderes que vão se complementar mas que realmente a cidadania ou é constituição de poder das pessoas cidadãos ou é um discurso no vazio. Vou dar um exemplo na área religiosa. Veja uma coisa: Quando eu participo de certas missas ou quase todas as missas que tem por aí eu vejo que adultos, às vezes até gente que passa pela universidade, e eu via que o padre lá na frente falava cada absurdo, e todo mundo como cordeirinho aceita aquilo, pode até ser que critica depois, mas ninguém tem coragem de ir lá na frente e dizer: "Não concordo." Por que você entrou naquele espaço você é criança; o único adulto é o Padre. A mesma coisa acontece. Você entrou na universidade, ou na escola o único adulto é o professor. Na família o único adulto é o pai ou a mãe. Muitas vezes é só o pai ou muitas vezes é só a mãe. No sindicato, o único adulto é a diretoria. Enquanto nós estivermos nesta, não existe cidadania, quer dizer existem tiranias. A tirania é onde há desigualdade de poderes, a democracia é onde os poderes se equilibram e brigam. Democracia nesse sentido é aceitação do conflito como uma condição ineliminável da vida humana. Ao passo que a tirania quer estabelecer uma convivência onde conflitos não existam. Não é porque eles não existem, é porque eles são sufocados. Então, aceitar realmente fazer o discurso sobre a cidadania é aceitar fazer um discurso sobre a democracia, mas aceitar fazer um discurso sobre a democracia baseado em realismo é aceitar conflitos, e aceitar que todo mundo tem direito de se constituir como poder.

Então como a escola pode fazer neste sentido, quais são as decisões que os alunos podem tomar a respeito do ano escolar, do programa? Eu dei o exemplo concreto do curso. Nós... O poder é de vocês. Se a bolsa fosse também para nós professores nós teríamos que defender também os nossos direitos com eles. Mas a bolsa era para eles, não era para nós. Nós já somos remunerados por sermos dedicação exclusiva<sup>7</sup>, ou seja, nós não temos que decidir isso, porque isto não é interesse nosso. O interesse nosso é que eles aprendam a decidir. Eu até comentava com minha mulher na véspera: "amanhã nós estaremos jogando o destino do nosso curso de especialização da chamada Interdisciplinaridade. Ou o pessoal resolve por conta própria, ou eles não resolvem e nós temos que resolver, mas aí nós já não vamos trabalhar

---

<sup>7</sup> Dedicção exclusiva (DE) é um regime de trabalho nas instituições federais de ensino superior, em que, fora das quarenta horas semanais, o docente não pode ter outra ocupação remunerada.

com o mesmo pique.” Aí quando eu verbalizei para o pessoal, eles disseram: “- Aí você já não vai trabalhar com o mesmo tesão, porque nós iríamos falar de interdisciplinaridade e não iríamos fazer interdisciplinaridade. Porque isto também foi um exercício de interdisciplinaridade na hora que eles decidiram a questão do poder. Então, tanto no movimento popular, quanto na escola, como na Igreja, na família e nas comunidades eclesiais de base na minha perspectiva hoje, educar é dar possibilidade de se criar o poder.

*Maria Vieira:* Por isso que acaba sendo uma tirania o empresariado e o próprio governo falarem de cidadania, ao passo que o povo exerce uma meia cidadania, por não exercê-la de fato, não tem poder de acesso a um bem básico, que é a comida. São milhões de brasileiros neste processo de miséria absoluta que não têm o poder de participação, a não ter o poder de acesso, as riquezas produzidas. Por isso me intriga bastante quando o discurso neoliberal usar categorias como (...), democratização, cidadania e enviesar seu real significado. Por isso eu acho importante a desconstrução deste discurso e a produção de uma resignificação desses conceitos...

*Tiago:* Por isso que eu colocaria o realismo de Maquiavel, que a convivência humana é um jogo de poderes. Maquiavel dizia que o príncipe esperto é aquele que sabe usar a violência na hora que pode usar e deixa de usar a violência, na hora que diz: aqui eu não posso usar. Ele sacou bem a realidade da vida humana. Eu diria, infelizmente é assim: não, diante do fato não tem que dizer “infelizmente é assim.”

*Maria Vieira:* É interessante percebermos o quanto **O Príncipe** de Maquiavel é atual. Tiago, para finalizar eu gostaria que você fizesse uma análise da educação escolar neste novo contexto globalizado...

*Tiago:* Maria, eu não sei se estou sonhando ou meio defasado. Ainda hoje eu estive com um grupo de professores lá no Campus Umuarama e o negócio começou assim muito lamuriosamente, só vendo as coisas ruins que existem. Por um lado, o processo de globalização está se realizando, sim, do ponto de vista técnico mas por outro lado tem uma reação violenta a isto. Você está vendo que estão arrebrandando movimentos para reafirmar as diferenças. Eu acho sadio isto. Então, parece que o ser humano é assim. A um momento ele chega a um limite de suportação, depois deste limite de suportação, ele dá o grito de revolta. Eu acho que há um grande processo revolucionário em ato. Não aquela revolução que destrona. Uma bandeira vermelha, uma foice

e um martelo ou não sei o quê, uma espada, um canhão ou uma bomba atômica, mas de uma maneira assim muito eficaz. Você veja uma coisa interessante: os sem-terra se impuseram ou não se impuseram ao governo brasileiro? Para mim, uma das coisas mais lindas que me arrancaram lágrimas neste ano, foi quando eu vi o retrato da Deolinda<sup>8</sup> sendo presa. Não sei se vocês viram na Folha [de São Paulo]. Uma beleza de retrato. Ela estendendo as mãos para o fulano algemá-la, mas a gente percebia que ela estava algemada por fora, mas por dentro, ela estava livre. E o Movimento dos Sem Terra se impôs.

*Mário:* Hoje é uma categoria que ninguém pode desconhecer...

*Tiago:* Ninguém pode desconhecer. Então eu acho que é verdade, que é um processo. A gente precisa acreditar que esse processo não é irreversível e que ele jamais vai fechar todas as possibilidades. A gente tem que apostar na capacidade do ser humano de revoltar-se...

*Maria Vieira:* E de utopia, de construir aquilo que não existe em lugar nenhum como a própria etimologia da palavra nos evidencia.

*Tiago:* Exatamente... Então do ponto de vista da escola eu tenho percebido isso: Se de um lado existem professores e escolas que se sentem assim embevecidos com essa linguagem da Qualidade total, da Informatização, etc., de outro lado, a gente percebe também que existem professores preocupados em fazer um levantamento destes questionamentos que nós fizemos hoje. Lá eu pude perceber isto. Eu, em Juiz de Fora, já por duas vezes este ano recebi alunas, duas alunas, e depois um senhor que veio dizer para mim: "Professor, eu hoje me redimi na sala de aula porque eu estava descrendo de tudo e agora eu vi que existem caminhos. Não é fácil, não é mágico, mas eu tenho um lugar a ocupar nesta sociedade para desencadear esse processo. Diziam chorando de alegria de terem redescoberto o sentido da existência. Então, eu acho que não é só no voluntarismo: "- Eu quero ser otimista. E saber ver o que está acontecendo é saber ouvir o que estão gritando por aí. Aí talvez a gente tem que [apurar] mais a nossa sensibilidade, não só ficar nos esquemas. Não é porque está todo mundo na onda da globalização e falando que o processo é irreversível e nós começamos a pensar nisso e nós fechamos os olhos e não vemos que

---

<sup>8</sup> Líder do Movimento Sem Terra, que luta, no Brasil, pela Reforma Agrária.

tem muita gente que não está aceitando isto. Outro dia, alguém brincou e disse, daqui um bocadinho, ninguém mais vai escrever, todo mundo vai é só usar computador, etc. Eu disse, bem, se eu viver mais... vamos me dar mais uns 50 anos, eu estaria com 110 anos, aí eu queria que chegasse a um momento que alguém dissesse: "vamos lá em Juiz de Fora ver um homem que ainda escreve." Aí eu iria cobrar bem caro (risos) porque eu tenho o poder de escrever a mão, que os outros já perderam, porque nem toda conquista é conquista em todos os sentidos. Então mesmo que eu já não tenha mais idade pelas minhas possibilidades, pelas minhas condições de me atualizar do ponto de vista técnico e tudo eu sou portador de uma cultura que foi elaborada há milênios e que isto [a tecnologia] roubou mas que eu posso continuar a fazer valer. Então eu acho que o importante, e principalmente para nós educadores, é a gente não pensar que nós agora estamos completamente desarmados, que o processo é irreversível e que tudo que nós fizemos até agora é uma perda de tempo...

*Maria Vieira:* Isso, senão nós cairíamos numa armadilha e numa forma metafísica de pensar...

*Tiago:* Sim... sim... podemos escrever a mão sim... podemos escrever a lápis ainda. Porque isso ainda é um valor. Será que o livro vai ser mesmo substituído ou vai chegar um dia que o livro vai ser uma preciosidade e que muita gente vai ter que brigar para poder ler e que há valor nisso? Então eu aposto um pouco nisso e quero morrer acreditando nisso...

*Mário:* Você poderia colocar alguma coisa mais sobre seu livro, uma obra da maturidade, que conta toda sua experiência, numa visão que eu não quero que seja cristalizada. Nem digo que isto também vai cristalizar, senão vamos negar tudo que falamos até aqui.

*Tiago:* (...) O João Bosco<sup>9</sup> disse até assim "como qualquer livro, não é definitivo", o que não impede que seja um livro para muito tempo, quer dizer, nenhuma coisa pode ser definitiva...

(...) Eu diria assim que realmente eu não tinha nenhuma intenção de fazer a coleção "Caminhos da razão no Ocidente". Quando eu vim para cá me deram uma série de nomes e de conceitos que hoje em dia se tornaram

---

<sup>9</sup> João Bosco de Castro Teixeira, da FUNREI, que fez a apresentação do livro *A escola que não tive... O professor que não fui...*

claros para os alunos da Pedagogia, ou seja; o que é Positivismo, o que é Pragmatismo, o que é Marxismo, o que é Racionalismo, etc. Eu até levei um susto me perguntando, como é que em seis meses - e nem são seis meses nada, são quatro - a gente vai conseguir fazer isto? E era uma dificuldade muito grande a gente encontrar textos acessíveis para alunos que vão ter uma iniciação rápida em Filosofia. Então eu comecei a escrever um pouco, você se lembra daquelas apostilas que eu escrevia? Depois de um certo momento eu pensei assim: "gente eu tenho tanta coisa escrita aqui, como é que eu poderia costurar isto e dar num livro?" Foi quando eu escrevi **Caminhos da razão no Ocidente**, como título do livro, não da coleção, mas do livro - a Filosofia do Renascimento até os nossos dias - e mandei para a Editora Vozes. Depois, eu levei um susto, porque eu não sabia o tanto que o material foi apreciado e como eu já tinha um material bastante amplo sobre a Filosofia Grega, aí me veio a idéia de fazer um livro sobre a Filosofia Grega. Quando eu fui falar com a Vozes, o indivíduo que era encarregado me disse: "Por que é que a gente não abre uma coleção e a coleção fica intitulada "Caminhos da razão no Ocidente" e este seria o 3º volume, você faz o primeiro porque você já tem o material, vou convidar alguém para fazer o segundo. E eu não sei se você se lembra, Mário, propus que nós juntos fizéssemos o 4º volume sobre a Filosofia contemporânea. (...) E sobre a contemporaneidade e a pós-modernidade eu acho que não teria nenhuma possibilidade hoje de trabalhar. Eu apenas diria chegamos a esse ponto e nós agora estamos com perspectivas abertas. E o que é que nós vamos ter que ler? Vamos ter que ler as revistas. Temos que ler os artigos, porque não tem como você tentar fazer disto um compêndio que, como aí também, sobre a pós-modernidade eu não disse nada. Só disse o seguinte: " Bem, a modernidade, para mim, não se esgotou, para mim ela não foi levada até a última radicalidade. Então é esta a junção que eu faria entre "Caminhos da razão do ocidente" - à qual estou devendo ainda um volume para o leitor e talvez uma refusão do 3º volume - e este livro, **A escola que não tive... o professor que não fui...**

*Maria Vieira:* Tiago, você é muito respeitado no meio acadêmico e nos movimentos populares pela sua coerência entre seu discurso e suas ações. Qual é a força que move essa trajetória marcada por tanto otimismo e garra numa época de certo desencantamento, de crise material, crise de paradigmas...

*Tiago:* Quando as pessoas dizem assim: obrigado pela sua mensagem de otimismo, eu digo assim, eu é que tenho que agradecer. Quer dizer, isto aqui

é questão de sobrevivência minha. Eu tenho de acreditar, tenho de acreditar. Porque se eu não acreditar, eu morro. Então eu acho que não são as pessoas que têm de me agradecer por eu passar o entusiasmo para elas. Sou eu que tenho de agradecer pessoas que me permitam ainda ter entusiasmo. Agora, eu acho um absurdo o educador que acha que não é possível mudar. Então ele não pode ser educador. Há uma contradição no próprio termo educar e não acreditar que é possível modificar. Então o que é que vocês estão fazendo aqui? Não tem significado nenhum. "Ah! mas a sociedade está assim... Bem... mas então você está confessando que você está aqui para defender o seu ganha-pão. Está muito bem, não te condeno. Porque no fundo, o único trabalho que sobrou para você foi fazer isso. Como para muita gente, às vezes, foi ensinar religião nos colégios por aí, que eu acho um absurdo. Pessoas que muitas vezes não têm formação religiosa nenhuma. A coisa mais difícil é você falar de religião de uma maneira assim madura, tranqüila, coerente, mas eu compreendo que para alguns é questão de vida ou morte: tem de trabalhar. Então, deles eu não vou cobrar nada. Mas de uma pessoa, uma pessoa que se diz que é educadora e não acredita que é possível mudar! E é uma contradição. É um morto e está andando como se tivesse vivo. Então, eu acho que é uma questão como aquilo que você chamou, coerência. Coerência para você poder viver. Viva! E não viver como um cadáver ambulante por aí.

*Mário:* Tiago, você colocou uma coisa que precisa estar entre nós educadores que é o entusiasmo. É interessante pensarmos no significado desta palavra, é uma palavra grega. "en-téos". É um Deus que está dentro de nós. É sagrado... Nós precisamos desta força sagrada, é a fé, a fé no sentido mais amplo. Será que nós, educadores, não acreditamos? Eu acho que todos nós temos de acreditar nisso que fazemos, porque quando nós paramos de acreditar, passamos a ser uma água morna que precisa ser vomitada.

*Tiago:* Nós devíamos ter inveja destes sujeitos que acreditam que alguma coisa nova vai acontecer, amarram bombas em si mesmas, vão lá e deixam a bomba explodir. No fundo, parece um absurdo. Ainda ontem comentava comigo o Sérgio, aquele que fez o mestrado aqui: "Tiago, aquilo que parece ser o máximo de irracionalidade, sob outro ponto de vista, é a racionalidade plena. Quer dizer, é um indivíduo que até faz morrer a paixão pela vida, para viver pelo ideal, matando-se. Então é uma irracionalidade eu diria, sob certo ponto de vista. Mas sob certo ponto de vista, como é que ele investe em certo sentido para a existência, quer dizer, a morte vai dar o sentido para a

vida dele. "Ora, meu Deus, estamos morrendo aí institucionalmente, vamos morrer com sentido! Vamos morrer porque desta nossa morte vai vir a vida!"

*Maria Vieira:* E viver deste jeito não é preciso, navegar é que é preciso...

*Tiago:* Sim, navegar é que é preciso...